

Teatro

de 16 a 18, de 20 a 25 Setembro 2010

Sagrada Família

de Jacinto Lucas Pires

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Autor Jacinto Lucas Pires **Encenação** Catarina Requeijo **Cenário e figurinos** Sara Amado
Desenho de luz José Manuel Rodrigues **Com** Anabela Almeida (Arlete), Duarte Guimarães (Pedro), Ivo Alexandre (António), Joana Bárcia (Maria), Miguel Fragata (Filho)
Produção executiva Hugo Quinta **Co-produção** Culturgest e Teatro Viriato
Agradecimentos Ana Luísa Guimarães, Inês Lopes, David Almeida, Tonan Quito, Tiago Rodrigues, José Tolentino Mendonça, Cláudia Gaiolas, Pedro Gil

O texto foi publicado pelos Livros Cotovia.

De Qui 16 a Sáb 18, de Seg 20 a Sáb 25 de Setembro
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h30 · M12

Em forma de pergunta

Escrevo teatro para fazer perguntas. Perguntas de diferentes tamanhos e feitios, de diferentes tons, diferentes escalas. Por exemplo: vamos mudar o mundo? Ou: como é que se mostra o acender de uma ideia? Ou: será possível dizer uma canção, dizer em vez de cantar, se dissermos uma canção ela não deixa de ser o que é? Perguntas, perguntas. “Já tentaram duvidar?” “Porque é tudo tão difícil?” “Difícil rima com fácil?” Pontos de interrogação tornados coisa concreta pelos actores em cena; pontos de interrogação dentro dos quais nos podemos juntar, no escuro, em silêncio, com os “corações” nas mãos. Frases que duvidem e desorganizem e provoquem, hipóteses que nos desequilibrem para a frente. Sim, teatro é coisa política, sem aspas. E, sim, sim, escrevo teatro para fazer política: a arte do impossível. (*Pausa. A luz baixando lentamente.*) O quê, não era essa a pergunta?

Jacinto Lucas Pires

Uma certa economia

Quando entrei para este projecto só existia o autor, a data de estreia na Culturgest e dois terços de *Sagrada Família*. Estávamos em Março. Faltava alguém para encenar, porque a ideia era não partir de uma companhia ou equipa artística prévias e sim montar o espectáculo à medida das necessidades da escrita. Talvez fosse bom escolher alguém que já conhecesse o Jacinto e a sua forma de escrever/pensar. Lembraram-se de mim. Demorei-me na decisão alguns dias e lá aceitei. Era a minha primeira encenação. Hoje acho impossível ter pensado em recusar.

Convidei logo a Sara para fazer a cenografia. Tinha trabalhado com ela noutras peças do Jacinto e achei que era a pessoa indicada para criar o(s) universo(s) sugerido(s) no texto, simultaneamente muito concreto e com espaço para a abstracção. Faltava o elenco, e um terço da peça. A Culturgest organizou, em Abril, um *workshop* de dois dias no qual lemos o que já estava escrito, discutimos e argumentámos muito, criticámos e sugerimos algumas hipóteses de continuação; no final organizámos uma leitura para alguns convidados, e a discussão continuou por ali fora. Neste *workshop*, além de mim, do Jacinto e do Francisco Frazão, estiveram dois actores que acabariam por integrar o elenco (o Miguel Fragata e a Joana Bárcia) e dois actores que achámos que podiam dar um bom contributo para a discussão: o Tiago Rodrigues e o Tonan Quito.

Em Junho, o Jacinto tinha escrito uma primeira versão completa, onde estavam algumas das ideias apontadas no *workshop*, como uma cena entre a Arlete e o Filho, ou uma cena entre os dois homens. Com o elenco já definido, fizemos uma primeira leitura integral. Nova discussão, de que resultou o corte de uma cena em que víamos finalmente a relação entre a Maria e o Filho. Ainda tentámos encaixá-la de novo, mas tivemos de desistir, quebrava a progressão para o final. No final de Julho juntámo-nos para uma semana de leituras. O texto continuou a sofrer pequenas alterações por sugestões minhas, dos actores e do próprio Jacinto (que foi assistindo aos ensaios) até ao início de Setembro.

O que irão ver é a quinta versão completa. Em Agosto levantámo-nos

da mesa e começámos a brincar com as cenas. A Sara já tinha uma ideia do cenário e dos objectos e já tínhamos discutido a posição de algumas cenas no espaço. Faltava-nos descobrir onde colocar as cenas que acontecem em “terra de ninguém” (igreja, comícios, sonhos, monólogos simultâneos, canções). Fomos fazendo experiências e estabelecendo os nossos códigos. Na encenação quis reforçar uma certa economia sugerida pelo texto nos diálogos, nas intenções das personagens, na estrutura das cenas. Os actores por vezes diziam que parecia cinema, mas eu tinha a sensação de que o texto não aguentava uma grande sobrecarga de informação, que o excesso nesta peça provocaria “ruído” e em nada contribuiria para uma melhor percepção da narrativa. Segui à risca praticamente todas as didascálias do autor (que também neste aspecto é económico), não por obediência ou reverência, mas por terem provado ser a melhor forma de mostrar o conflito em cada cena.

Foi um processo muito rico e ter o autor a trabalhar connosco é (não tenho dúvidas) um enorme privilégio! Agora só falta a etapa final: durante dez dias vamos mostrar a nossa *Sagrada Família* a amigos, cidadãos e concidadãos. Apareçam e “tragam amigos, conhecidos, estranhos que apanhem na rua, no caminho para cá, etc. Tragam quem quiserem”. Serão todos bem-vindos.
Catarina Requeijo

Construir um desenho

Gosto especialmente de construir lugares de teatro porque aí (como não acontece necessariamente em arquitectura,

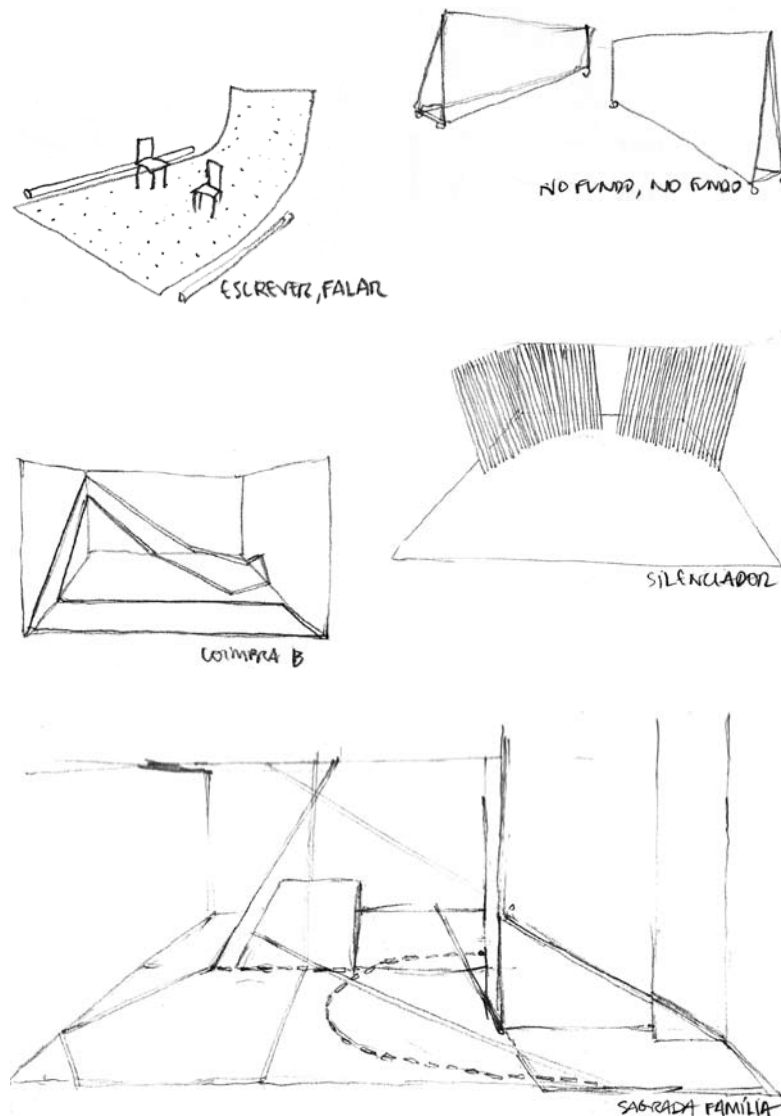
por exemplo) há uma ligação muito directa e rápida, de urgência até, entre o projectar e o construir.

Depois há a magia de poder construir, ao mesmo tempo e em sobreposição, um quarto, uma sala, um escritório, uma igreja, a rua, o mundo enfim – e toda a gente acreditar nisso, nessa especial possibilidade espacial.

E por cima disso, o privilégio de desenhar o imaterial: espaços interiores-exteriores, que decorrem do texto, da encenação, do corpo dos actores, mas que acabam fixados numa arquitectura de palco.

Dizem que os pintores passam toda a vida a pintar o mesmo quadro; sinto um pouco isso, agora, nesta minha décima cenografia. Quase sempre há territórios muito contidos mas definidos a partir de um qualquer ponto de fuga. E isso sempre feito com o mínimo, procurando, mais do que desenhar uma construção, construir um desenho.

Sara Amado



© Sara Amado

Jacinto Lucas Pires

Nasceu em 1974. Publicou livros como *Azul-turquesa* (ficção), *Abre para cá e Assobiar em público* (contos), *Livro usado* (viagem), *Escrever, falar e Figurantes* (teatro), *Do sol e Perfeitos milagres* (romances), sempre na Cotovia. Escreveu e realizou as curtas-metragens *Cinemaamor* e *B.D.* Escreveu várias peças de teatro, entre as quais *Universos e frigoríficos*, *Arranha-céus*, *Coimbra b* e *Os vivos*, tendo trabalhado com encenadores como Manuel Wiborg, Ricardo País, Marcos Barbosa e João Brites. Escreveu *Octávio no mundo* para os PANOS 2006 da Culturgest; em 2009, foi aqui apresentada a sua peça *Silenciador*.

Catarina Requeijo

Nasceu em 1973. Iniciou o seu percurso teatral no TEUC em 1991. Fez o curso de formação de actores da ESTC. Profissionalmente trabalhou, entre outros, com Konrad Zschiedrich, Luís Castro, Tiago Rodrigues, Luís Miguel Cintra, Luís Gaspar, Nuno Cardoso, Marcos Barbosa, Madalena Victorino, Jorge Andrade, António Pires, Cristina Carvalhal, Miguel Moreira e Giacomo Scalisi. Trabalhou com Jacinto Lucas Pires, como actriz, em *Amok* (enc. Luís Gaspar), *Coimbra b* e *Lady Grey* (enc. Marcos Barbosa) e na curta-metragem *B.D.* (real. Jacinto Lucas Pires).

Sara Amado

Nasceu em 1975. Arquitecta, colaborou com os ateliers ARX Portugal Arquitectos e Pedro Silva Dias Designer. Trabalha em áreas como arquitectura, design gráfico, design (prémio no concurso Designwise 2.0 da Experimenta Design, 2004) e cenografia (prémio da Mostra Estatal de Teatro de Nuevo León, México, 2002). Foi responsável pela cenografia e figurinos da companhia .ilástico entre 1999 e 2006. Dá aulas de Desenho. É autora do blogue sobre livros infantis/álbuns ilustrados *prateleira-de-baixo*, desde Março de 2009.

José Manuel Rodrigues

Nasceu em 1971. Iniciou a sua actividade profissional em 1997 no Fórum Romeu Correia, como responsável de iluminação. A partir de 2000 colaborou com as companhias Teatro Meridional, Artistas Unidos, Cão Solteiro e Primeiros Sintomas, entre outras. Realizou trabalhos de iluminação para Diogo Infante, Natália Luiza, Luís Esparteiro, Miguel Seabra, Bruno Bravo, Gonçalo Amorim e Cristina Carvalhal, entre outros. Fez parte das equipas de iluminação do Centro Cultural Olga de Cadaval e do Teatro Maria Matos. Integra desde 2007 a equipa da Culturgest, como assistente de Direcção Cenotécnica.

Hugo Quinta

Começou a fazer produção no Grupo de Teatro da Nova em 1998. Estudou produção e gestão cultural em Madrid, no Centro de Tecnologia del Espectáculo. Após um estágio na Companhia Nacional de Danza, regressou a Portugal em 2004 para integrar a equipa das Danças na Cidade (actual Alcantara). Colaborou com a EGEAC como produtor executivo da Mostra de Cinema da América Latina e de 2006 a 2009 foi coordenador da DBM, rede de dança do mediterrâneo. Integrou também a equipa de produção do Teatro Maria Matos e é o criador do projecto life paper (www.lifepaper.pt).

Anabela Almeida

Licenciou-se em Teatro-Educação pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Em 1993 iniciou a sua participação como actriz no Teatro da Garagem e a partir de 2005 participa regularmente nos espectáculos da Mala Voadora. Desenvolve projectos vocacionados para o público infantil, criando oficinas e dando aulas de teatro.

Duarte Guimarães

Nasceu em 1978. Fez a sua formação com António Feio em Benfica e depois no Conservatório de Lisboa, onde completou o curso de teatro. Desde 1997 que tem trabalhado com o Teatro da Cornucópia. Trabalhou ainda no teatro



com Ricardo Aibéo, Joaquim Horta e António Feio. No cinema trabalhou com realizadores como Maria de Medeiros e Raoul Ruiz. Participou em várias séries televisivas, entre as quais *Pedro e Inês*, e várias novelas, onde se destaca uma colaboração com a Rede Globo no Brasil.

Ivo Alexandre

Fez o curso de Interpretação do Balletteatro Escola Profissional. Trabalhou com os encenadores Jorge Silva Melo, Manuel Wiborg, Ricardo Pais, Giorgio Barberio Corsetti, Luis Miguel Cintra, Nuno Carinhas, Anabela Faustino, Paulo Castro, José Wallenstein, Ana Luísa Guimarães, Carlos Pimenta, Joaquim Benite, João Pedro Vaz, Fernando Moreira, Mário Barradas, Nuno Cardoso, Carlos Avilez, Rogério de Carvalho, José Martins, Marcos Barbosa, António Durães e Teresa Sobral, entre outros. Encenou *Mouchette/Colette* de Arne Sierens e *O Jogo da Salamandra* de Jaime Rocha. No cinema trabalhou com Tiago Guedes e Frederico Serra, Manuel Pureza, Paulo Castro e Saguenaíl. Participou em séries televisivas como *Equador*, *Liberdade 21*, *Conta-me Como Foi*, *Ele É Ela* e *Lua Vermelha*.

Joana Bárcia

Estudou no IFICT, na ESTC e no Lee Strasberg Institute (como bolsista da Fundação Calouste Gulbenkian). No teatro trabalhou doze anos com a

companhia Artistas Unidos sob a orientação de Jorge Silva Melo. Trabalhou também com os encenadores Sandra Faleiro, Pedro Carraca, Rafaela Santos, Solveig Nordlund e Filipa Francisco, entre outros. Esteve quatro anos com dois espectáculos e em digressão com os catalães La Fura Dels Baus. No cinema trabalhou com realizadores como Paulo Rocha, Solveig Nordlund, Jorge Silva Melo, Edgar Feldman e Marco Martins. Na televisão participou em séries como *Os dias do regicídio*, *Liberdade 21* e *Equador*.

Miguel Fragata

Nasceu em 1983. Completou o Bacharelato na ESMAE e licenciou-se na ESTC. Trabalhou com os encenadores Cristina Carvalhal, Madalena Victorino, Jorge Andrade, Giacomo Scalisí, José Carretas, Pompeu José, José Rui Martins, Cláudio Hochman, Agnès Desfosses e Gabriel Villela. Em Cinema trabalhou com Pedro Palma. Tem desenvolvido diversos projectos de relação entre as Artes e a Educação para estruturas como Centro Cultural de Belém, EGEAC, Fundação Calouste Gulbenkian e Casa Pia de Lisboa.



Le Grand C pela Compagnie XY

Novo Circo Qua 22 a Sáb 25 Setembro
Grande Auditório · 21h30 (dias 22, 23
e 24), 17h00 (dia 25) · Dur. 1h30 · M12



“Encontrámo-nos, por iniciativa dos mais velhos, para fazer uma parte do caminho em conjunto. A ideia era misturar as gerações e falar da nossa regressão, com as palavras que nos restam, com o que nos fala: A lei do “Flectir/Saltar”, a necessidade de nos lançarmos para o ar e de nunca mais tornar a baixar. Elevar-se às alturas quando tudo se desmorona. Talvez isto não sirva para nada, mas é assim que existimos, é assim que resistimos. O prazer de estar juntos, não representar, para melhor sugerir, deixar que o trabalho transpire, o trabalho e mais uma vez o trabalho... É o nosso húmus, o nosso cimento, é graças a ele que passámos de uma soma de indivíduos a um grande colectivo”. Perturbando o princípio do duo e invertendo a relação homem/mulher recorrente nas forças combinadas, os 18 intérpretes exploram novas vias nos estados dos corpos, na técnica do circo e, sobretudo, naquilo de que são capazes de contar a um público. Revela-se assim, em pouco mais de uma

hora, um universo em três dimensões, simultaneamente sublime, desmesurado e marcado por uma alegre humanidade. Uma micro sociedade com os seus códigos e os seus ritos surpreendentes que vos revelarão, se prestarem atenção, personalidades tocantes, poderosas, sensuais, divertidas e poéticas. Tão longe e tão próximas de nós.

“Um espectáculo de cortar a respiração. Um ballet acrobático fora de comum e de uma grande suavidade” que tem maravilhado público e crítica por todo o lado onde tem passado.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Diana Ramalho estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Inês Loução estagiária

Marta Ribeiro estagiária

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Sofia Magalhães

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
